ISSN: 2358-8829

CURRÍCULO COMO DOCUMENTO DE IDENTIDADE E AUTONOMIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM ESTUDANTE AUTISTA NA PERIFERIA DE ESTÂNCIA/SE

Jaqueline Santos Tavares[1]

INTRODUÇÃO

O currículo participa da seleção dos conhecimentos e das formas pelas quais os estudantes são reconhecidos na escola. Quando determinadas maneiras de comunicar ou aprender são tomadas como únicas possibilidades, conhecimentos já construídos podem permanecer pouco percebidos. Discutir a inclusão exige, portanto, examinar as escolhas curriculares e as condições de participação oferecidas a cada estudante.

Este relato aborda uma experiência desenvolvida em 2023, no Atendimento Educacional Especializado (AEE) de uma escola pública municipal da periferia de Estância/SE, com um estudante autista de 16 anos, matriculado no nono ano. A proximidade da transição para o ensino médio intensificava a preocupação materna com sua participação na vida adulta. Preparar alimentos simples, utilizar dinheiro, compreender horários e deslocar-se pela comunidade constituíam demandas apresentadas pela família.

O objetivo é descrever e analisar as contribuições de adaptações razoáveis e escolhas curriculares no AEE para a aprendizagem e a construção da autonomia. As propostas articularam Língua Portuguesa, Matemática e Geografia a situações cotidianas, considerando os interesses e as formas de expressão do estudante. A sistematização retrospectiva indica avanços na leitura, na escrita mediada e em conhecimentos matemáticos, além de mudanças na participação doméstica relatadas pela mãe. Esses avanços coexistiram com dificuldades persistentes e necessidades de continuidade.

Autonomia é compreendida como possibilidade de expressar preferências, participar de decisões e agir com os apoios necessários; independência refere-se à realização de tarefas com menor ajuda direta. Essa distinção permite reconhecer aprendizagens sem pressupor que a autonomia dependa da ausência de apoio.

[1] Graduanda em Licenciatura em Educação Especial Inclusiva – Universidade Federal de Sergipe. E-mail: jaquelineeducadora@gmail.com.

ISSN: 2358-8829

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência pedagógica, descritivo e reflexivo, elaborado a partir da atuação da autora como professora do AEE. Conforme Mussi, Flores e Almeida (2021), a produção desse conhecimento envolve contextualizar a prática e discuti-la com fundamentação. O acompanhamento ocorreu durante um ano letivo, com dois encontros semanais de uma hora em sala de recursos multifuncionais.

O estudante utilizava linguagem oral, respondendo em seu próprio tempo, principalmente com palavras e frases curtas. Inicialmente, realizava leitura silenciosa e demonstrava compreensão por respostas orais ou pela localização de informações nos textos; a escrita ainda não se efetivava nas atividades propostas. O planejamento considerou a escuta materna, as preferências do estudante e as observações docentes. Foram utilizados textos curtos, perguntas objetivas, diferentes formas de resposta, materiais visuais e manipuláveis, receitas, medidores, relógios, cédulas e representações de percursos.

A sistematização retrospectiva articulou a memória docente ao exame descritivo de fotografias, relatórios e portfólios da professora, considerando atividades, mediações e aprendizagens observadas. Os registros fotográficos foram selecionados por sua relação com as propostas de culinária, leitura das horas e sistema monetário e examinados quanto aos materiais, às ações visíveis e à organização das atividades. Os avanços são apresentados como observações docentes; as mudanças no cotidiano doméstico e no percurso escolar correspondem a relatos maternos registrados e rememorados pela professora.

A discussão foi organizada em três eixos: letramento e culinária; conhecimentos matemáticos e relações de espaço-tempo; participação familiar e continuidade das aprendizagens. As fotografias do acervo da autora foram recortadas para destacar ações e materiais sem exibir o rosto do estudante. A identificação nominal do participante e da escola foi omitida. As imagens documentam momentos das propostas e não constituem, isoladamente, comprovação de aprendizagens consolidadas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Silva (2016) compreende o currículo como seleção de conhecimentos vinculada à formação dos sujeitos, às relações de poder e à produção de identidades. A expressão “documento de identidade” remete a essa compreensão e permite questionar expectativas que restringem as experiências oferecidas ao estudante. Em diálogo com Paraíso (2025), as decisões

ISSN: 2358-8829

cotidianas sobre textos, recursos e formas de acolher respostas são interpretadas como micropolíticas curriculares, relacionadas às condições concretas do ensino.

Sass (2020) contribui para pensar a flexibilização do planejamento, das estratégias e da avaliação em perspectiva inclusiva. Neste relato, as adaptações razoáveis são abordadas em sua dimensão pedagógica: ajustes individualizados que favorecem acesso e participação. Reconhecer respostas orais e a marcação de informações no texto permitiu acompanhar a compreensão sem exigir a escrita como única forma de demonstrar aprendizagem.

O letramento funcional designa o uso da leitura e da escrita em situações com finalidade reconhecível no cotidiano, em diálogo com Soares (2004) e sua discussão sobre as práticas sociais de linguagem escrita. A aproximação com o Currículo Funcional Natural (Suplino, 2005) refere-se à valorização de aprendizagens úteis à vida cotidiana e dos contextos em que podem ser utilizadas. A experiência dialoga com esses princípios, sem corresponder à aplicação integral de um programa nem restringir a formação a tarefas práticas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

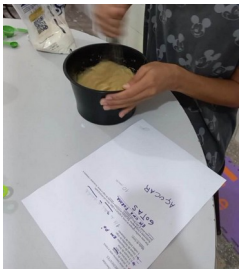
Letramento, formas de expressão e atividade culinária

A professora elaborava textos e perguntas objetivas, respondidas oralmente ou por marcação do trecho pertinente. A diversificação das respostas tornou visíveis conhecimentos que uma exigência exclusiva de escrita poderia ocultar (Sass, 2020). Ao longo do ano, foram observados avanços na compreensão de textos mais extensos e na produção mediada de listas e frases curtas, com intervenções sobre omissões de letras e palavras.

Receitas, manuais, bulas e listas de números de emergência foram explorados quanto à finalidade e às situações de uso. A atividade culinária partiu da preferência do estudante por bolo de chocolate. A professora disponibilizou ingredientes, utensílios, medidores e equipamento portátil. A leitura da receita articulou estrutura textual, sequência de instruções, quantidades, medidas, tempo e temperatura. O estudante participou do preparo, consumiu parte do bolo e levou outra parte para casa.

ISSN: 2358-8829

Figura 1 – Participação no preparo de receita culinária



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

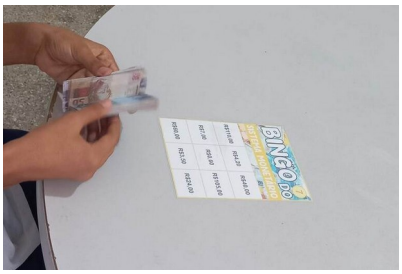
A Figura 1 registra a manipulação da mistura, com utensílios e material escrito sobre a mesa. A intencionalidade e as intervenções são reconstituídas pela narrativa docente. Ler e compreender tinham uma finalidade vinculada à ação, aproximando-se da perspectiva de letramento de Soares (2004). Posteriormente, a mãe relatou maior interesse do filho pelo preparo dos alimentos e passou a mediar sua participação em tarefas como preparar ovo e cuscuz.

Conhecimentos matemáticos e relações de espaço-tempo

As medidas da receita relacionavam informações escritas, ingredientes e ações, sem equivaler ao domínio generalizado das frações. Para a leitura das horas, foram utilizados relógio pedagógico, cartões com notação digital e fichas de registro. No sistema monetário, trabalharam-se valores, relações entre cédulas e moedas, pagamento e troco. As Figuras 2 e 3 documentam recursos e ações dessas propostas.

Figuras 2 e 3 – Leitura das horas e atividade com o sistema monetário





Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

Segundo as observações docentes, a leitura do relógio digital apresentou avanços mais consistentes; a do analógico permaneceu menos consolidada. Nas operações propostas, houve maior êxito em adição e subtração, persistindo dificuldades em multiplicação e divisão. As listas de compras articulavam leitura, escrita e matemática: produtos, unidades de medida, dinheiro disponível e troco esperado eram discutidos conjuntamente.

Com apoio do Google Maps, foram exploradas representações do caminho entre a residência e uma mercearia, localização e estimativas de tempo de caminhada. Essa abordagem articulava o percurso à lista de compras e aos valores necessários. Não houve realização do

trajeto com a professora, e o uso independente do transporte público permaneceu como objetivo não alcançado. O desempenho nas atividades escolares não foi tomado como comprovação de circulação independente pela cidade. Em diálogo com Suplino (2005), reconhece-se a importância de oportunidades de aprendizagem em diferentes contextos.

Participação familiar e continuidade das aprendizagens

O desejo materno de maior independência coexistia com receios que limitavam oportunidades de realizar tarefas sem acompanhamento. O diálogo permitiu combinar deslocamentos graduais entre casa e escola. Segundo os relatos maternos, ao final do ano o acompanhamento tornou-se menos frequente, permanecendo em situações como chuva ou manifestação de desconforto. Também foram relatadas maior participação no preparo de alimentos e oportunidades de lavar peças de roupa. A organização do próprio quarto era uma habilidade preexistente.

A participação familiar foi construída pela escuta e pela negociação, considerando os receios maternos e as manifestações do estudante. A diminuição da ajuda em algumas tarefas não significou independência em todas as situações. As mudanças no percurso escolar, por exemplo, não se estenderam automaticamente ao transporte público. Autonomia e apoio permaneceram relacionados ao longo do processo.

A interdisciplinaridade orientou o planejamento no AEE, articulando leitura, cálculo, medidas, localização e organização temporal. A colaboração com os docentes da sala comum priorizou estratégias para as necessidades do estudante, sem acompanhar sistematicamente a sequência curricular do nono ano. A multiplicidade de professores e as dificuldades de diálogo limitaram sua continuidade. Vilaronga e Mendes (2014) contribuem para compreender a necessidade de condições institucionais de planejamento conjunto, para que a responsabilidade pela inclusão não se concentre no atendimento especializado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As adaptações e escolhas curriculares ampliaram as oportunidades de aprendizagem e participação. Diferentes formas de resposta, respeito ao tempo de comunicação e situações cotidianas favoreceram o envolvimento do estudante. As observações docentes indicaram avanços em compreensão leitora, escrita mediada, leitura de horários e adição e subtração; os relatos maternos apontaram maior participação doméstica e deslocamentos graduais entre casa e escola sem acompanhamento.

Esses resultados são situados em uma experiência singular, com dificuldades persistentes e objetivos que demandavam continuidade. Fotografias, relatórios, portfólios e memória docente contribuíram para sua sistematização retrospectiva, sem permitir atribuir todas as mudanças exclusivamente ao AEE. Em diálogo com Silva (2016) e Paraíso (2025), reconhecer conhecimentos, interesses e possibilidades de ação permitiu questionar expectativas limitadoras e compreender as decisões pedagógicas como micropolíticas curriculares.

A autonomia se construiu gradualmente, com apoios ajustados, diálogo familiar e oportunidades concretas de participação. A continuidade dessas aprendizagens requer articulação entre o AEE, a sala comum e os demais contextos de vida, preservando o acesso aos conhecimentos escolares e reconhecendo a singularidade do estudante.

Palavras-chave: Educação inclusiva; Currículo Funcional Natural; Transtorno do Espectro Autista; Micropolíticas curriculares; Adaptações razoáveis.

REFERÊNCIAS

MUSSI, Ricardo Fraklin de Freitas; FLORES, Fabio Fernandes; ALMEIDA, Cláudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, v. 17, n. 48, p. 60–77, 2021. DOI: https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i48.9010.

PARAÍSO, Marlucy Alves. **Currículos: teorias e políticas**. 1. ed. 1. reimpr. São Paulo: Contexto, 2025.

SASS, Maristela C. Metz. **Currículo escolar em uma perspectiva inclusiva**. 1. ed. Curitiba: IESDE, 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. 8. reimpr. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, p. 5–17, jan./abr. 2004. DOI: https://doi.org/10.1590/S1413-24782004000100002.

SUPLINO, Maryse. **Currículo funcional natural**: guia prático para a educação na área do autismo e deficiência mental. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência; Maceió: ASSISTA, 2005.

VILARONGA, Carla Ariela Rios; MENDES, Enicéia Gonçalves. Ensino colaborativo para o apoio à inclusão escolar: práticas colaborativas entre os professores. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 95, n. 239, p. 139–151, jan./abr. 2014.